

O Forte do Montenegro: patrimônio e memória social

The Montenegro Fort: heritage and social memory

El Fuerte de Montenegro: Patrimonio y memoria social

Carmem L. Muraro¹

Ulisses Pernambucano de Melo Neto²

Resumo

MURARO, Carmen L.; MELO NETO, Ulisses Pernambucano. O Forte do Montenegro: patrimônio e memória social. *Revista Ciência & Trópico*, V. 46, n. 1, p. 121-132, 2022. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2\(2022\)art7](https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2(2022)art7)

Este trabalho localiza e identifica na cidade de Olinda, estado de Pernambuco, Brasil, o lugar urbano e as características físicas do desaparecido Forte do Montenegro construído em 1808. O edifício militar foi objeto de estudos por pesquisadores pernambucanos nos quais constam equívocos que carecem de esclarecimentos. Com o intuito de elucidar tais equívocos, realizamos pesquisas na documentação histórica a qual reúne informações incontroversas e comprobatórias acerca do Forte, da autoria da planta e da evolução desse edifício ao longo do tempo. Realizamos ainda pesquisa de campo no trecho urbano de Olinda visando colher dados diretos no local estudado e ouvir a opinião popular acerca do Forte Montenegro. O resultado alcançado consolida a permanência do forte/farol na memória social.

Palavras-chave: Olinda. Forte Montenegro. Farol. Memória social.

Abstract

MURARO, Carmen L.; MELO NETO, Ulisses Pernambucano. O Forte do Montenegro: patrimônio e memória social. *Revista Ciência & Trópico*, V. 46, n. 1, p. 121-132, 2022. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2\(2022\)art7](https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2(2022)art7)

The author highlights – in the city of Olinda, state of Pernambuco (Brazil) – the urban place and the physical characteristics of the disappeared Montenegro Fort, built in 1808. Some studies on this military building – carried out by researchers from Pernambuco – bring misconceptions that need clarification. Bearing that in mind, the author resorts to historical documentation, from which he collects incontestable and corroborative information about the Fort, the authorship of the building blueprint and its evolution over time. A field survey carried out in the urban area

- 1 Arquiteta, mestre em conservação e restauração de monumentos e sítios históricos (MP-CECRE, 2013). Integrou o quadro efetivo do IPHAN (2003-2016). Atua na área de pesquisa cultural (patrimônio arquitetônico). E-mail: carmenmuraro@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3700-418X>
- 2 Arqueólogo. Tem especialização em História e História da Arte pela UFPE (1973). Coordenou a primeira pesquisa de arqueologia industrial (Sítio do Físico, no Maranhão) e a primeira de arqueologia subaquática no naufrágio do Galeão Sacramento, Bahia. Integrou o quadro efetivo da Fundarpe (1979-2014) Atua em pesquisas de arqueologia histórica. E-mail: ulisses.pesquisa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0400-1484>

of Olinda brought additional information and insights from the popular view of Montenegro Fort. The findings consolidate the permanence of the image of the fort/lighthouse in social memory.

Keywords: Olinda. Montenegro Fort. Lighthouse. Social Memory.

Resumen

MURARO, Carmen L.; MELO NETO, Ulisses Pernambucano. El Fuerte de Montenegro: Patrimonio y memoria social. *Revista Ciência & Trópico*. V. 46, n. 1, p. 121-132, 2022. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2\(2022\)art7](https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2(2022)art7)

Este trabajo localiza e identifica en la ciudad de Olinda, estado de Pernambuco, Brasil, el lugar urbano y las características físicas del desaparecido Fuerte de Montenegro, construido en 1808. El edificio militar fue objeto de estudios de investigadores pernambucanos, en los cuales constan equivocaciones que carecen de aclaraciones. Con el objetivo de aclarar estos puntos, realizamos investigaciones en la documentación histórica, la cual reúne informaciones incontrovertibles y comprobatorias acerca del Fuerte, de la autoría de los planos y de la evolución de este edificio a lo largo del tiempo. Realizamos, incluso, trabajo de campo en el trecho urbano de Olinda, con el objetivo de recoger datos directos en el lugar estudiado y escuchar la opinión popular acerca del Fuerte Montenegro. El resultado alcanzado consolida la permanencia del fuerte/faro en la memoria social.

Palabras clave: Olinda. Fuerte Montenegro. Faro. Memoria social.

1. Introdução

Um dia desses conversava com o arqueólogo de restauração (omissão) sobre a cidade de Olinda e abordamos o tema *Forte do Montenegro*, outrora situado na velha Marim dos Caetés, espaço urbano pernambucano preservado legalmente, no viés cultural, nos níveis nacional e internacional.

Ao focar o tema, sentimos dificuldades iniciais na coleta de dados para embasar a troca de ideias sobre esta edificação militar. Em buscas na rede de conexões globais (internet), o investimento do tempo na pesquisa foi infrutífero. Na verdade, decepcionante!

O desenrolar da investigação inicial apontou para inúmeras informações ou pontos de vista na direção de que o Forte do Montenegro e o Forte de São Francisco, este popularmente conhecido por “fortim do queijo”, eram o mesmo e único edifício com denominações diversas.

Buscamos então os ensinamentos dos trabalhos especializados entre os quais examinamos a obra intitulada *Olinda: evolução urbana* de autoria do pesquisador Ferdinando Novaes, editada pelo Governo de Pernambuco/Fundarpe e impressa em

1990. Nela, consta visita a Olinda que permitiu observações diretas durante o trajeto do bonde na época da segunda guerra mundial:

O bonde seguia pela larga avenida Sigismundo Gonçalves para o Carmo, passando perto da praia dos Milagres, fazendo-nos sentir o cheiro da maresia, passando a praça do Carmo, enveredava pela estreita rua do Sol. A direita desta, numa paralela, junto ao mar, estava o fortim, como é conhecido o forte Montenegro, datado do início do século passado [...] mais adiante estava o farol, também construído no século passado (NOVAES, 1990, p.40).

Na mesma direção de Novaes, seguiu o arqueólogo Marcos Albuquerque em 1999, aliado a duas professoras, em trabalho intitulado *Fortes de Pernambuco: imagens do passado e do presente*.

Considerando a abrangência das duas obras, percebemos que a questão carecia de ajustes, pois ambos os textos sublinhavam o que nossas leituras apontavam ser o mesmo engano. A partir desse momento, resolvemos aprofundar a pesquisa documental sobre o assunto já que este e outros temas da histórica Olinda continuam no limbo do desconhecimento...

Seria injusto, porém, não colocar os “pingos nos ii”. Neste sentido, devemos anotar o trabalho de Vanildo Bezerra Cavalcanti intitulado *Olinda do Salvador do Mundo*, impresso em 1986 pela ASA Editora. Nele, o autor aborda com segurança os temas olindenses. Entre eles, na página 125, o Forte Montenegro, “e sua precária e efêmera existência” alicerçado no conhecimento de Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923) desenvolvido no volume IX dos *Anais Pernambucanos*, página 409, conforme abaixo:

[...] O forte Montenegro ficava na mesma praia de Olinda ao norte, e pouco distante do de S. Francisco. De pequena área, em figura de reduto, de quatro faces, não tinha paiol nem outras construções próprias de uma obra de defesa, porquanto foi levantado para instrução do Regimento de Artilharia [...]. Em 1872, foi o forte transferido do ministério da guerra para o da marinha, a fim de ser aproveitado para o assentamento do farol de Olinda, [...] aceso pela primeira vez na tarde de 18 de novembro de 1872 (COSTA, 1984, p. 409).

2. Desenvolvimento

A designação “Montenegro” aplicada à edificação militar está vinculada ao ex-governador de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Nasceu ele em Lamego, Portugal, em 1748, e veio a falecer no Rio de Janeiro em 1827. Antes de assumir

a governança de Pernambuco – onde chegou em 1804 e atuou até 1817 – esteve destacado, também como governador, na Capitania do Mato Grosso. (wikipedia.org)

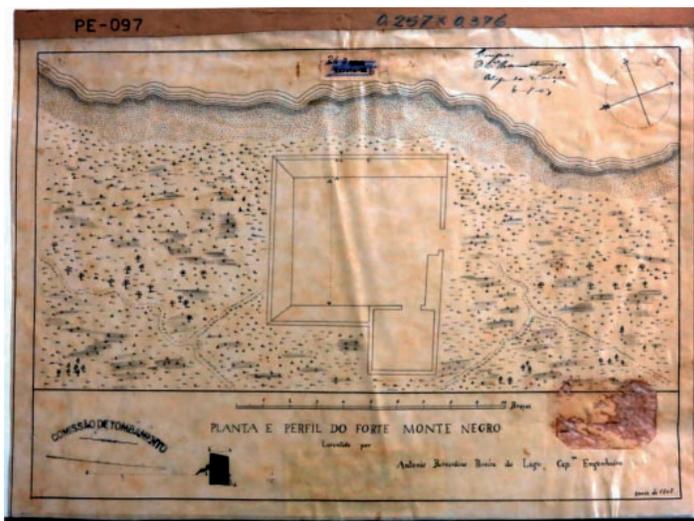
O primeiro registro documental conhecido da chegada de Montenegro a Pernambuco está datado de 26 de agosto de 1802. Tratava de comunicação do Rei de Portugal à Junta Governativa da Capitania de Pernambuco sobre a nomeação de Caetano Montenegro na qual ordenava que “se lhe dê posse com as cerimonias de costume” como refere documento colhido no *Catálogo de documentos manuscritos avulsos referentes à capitania de Pernambuco*, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa – AHU. [Doc nº 15.955. AHU_CU_015, Cx. 237, D. 15955]. Em janeiro do ano seguinte, o ritual da posse já provocava divergências entre as Câmaras de Olinda e do Recife em função da disputa pelo centro de comando da Capitania. [AHU - Doc nº 14.584 AHU_CU_015, Cx. 240, D. 16114].

Em que pese a concreta associação do nome do gestor ao edifício militar que seria construído, quem poderia ter sido o autor do traço que daria origem à fortificação? Na mesma época, isto é, no primeiro decênio do século XIX, atuava em Pernambuco um engenheiro, qualificado então como “capitão engenheiro”, de nome Antônio Bernardino Pereira do Lago – nascido em Torres Vedras, Portugal e falecido em Lisboa em 1847. (VITERBO, 1904, 254)

Atuava ele em 1806 (apesar das dificuldades operacionais) quando requereu ao Arsenal Real do Exército que “lhe dê os instrumentos necessários para poder desempenhar o seu serviço na Capitania de Pernambuco”. [AHU_CU_015, Cx. 258, D. 17321].

O resultado gráfico de um dos trabalhos de Pereira do Lago foi a planta e perfil do Forte Monte Negro (sic) ou “do” Montenegro concebida e desenhada por ele em 1808.

Figura 1: Planta e Perfil do Forte Monte Negro (sic) levantada por Antônio Bernardino Pereira do Lago. Capitão Engenheiro. Ano de 1808



Fonte: Arquivo Histórico do Exército – AHEx/RJ, 2021.

Diante desse documento incontestável, como estabelecer a “individualidade” do Forte Montenegro em relação ao edifício vizinho, o de São Francisco, ambos na mesma cidade de Olinda e especialmente bastante próximos?

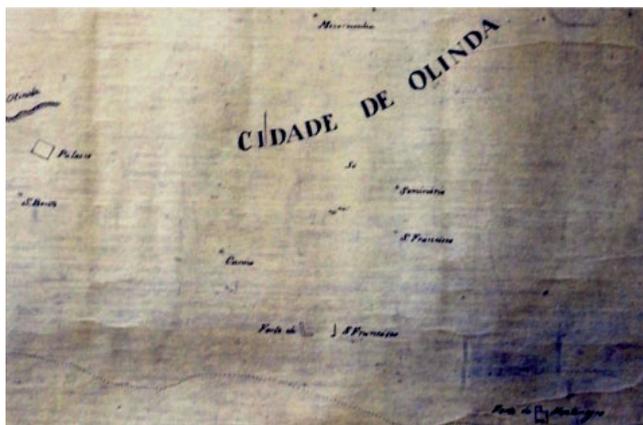
Essa equação foi solucionada com a consulta à Planta Hidrográfica do Porto de Pernambuco elaborada pelo Capitão Tenente Diogo José de Brito, datada de 1816, cujo cabeçalho e detalhes gráficos vão registrados adiante.

Figura 2: Cabeçalho da Planta Hydrografica do Porto de Pernambuco. Anno de 1816



Fonte: Arquivo do historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello (1916 – 2002).

Figura 3: Detalhe da planta supramencionada. A seta branca assinala o Forte de São Francisco (conhecido como Fortim do Queijo). A amarela assinala o do Montenegro.



Fonte: Arquivo historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello (1916 – 2002).

No documento iconográfico acima, estão registradas, localadas e nominadas cada uma das edificações, a saber: o Forte de São Francisco (topônimo associado ao convento franciscano de Olinda) e o do Montenegro. Por uma questão vocabular, comentemos que esses edifícios são tecnicamente classificados como “baterias” construídas a cavaleiro, isto é, elevadas do nível do solo e ambas estabelecidas diante do fundeadouro na praia de Olinda.

Decorridos sessenta anos, isto é, em julho de 1876, outro mapa da região estudada anota a ocorrência de “Pharol” no exato ponto geográfico em que estava locado o Forte do Montenegro. Como justificar a ocorrência desta mudança no registro iconográfico?

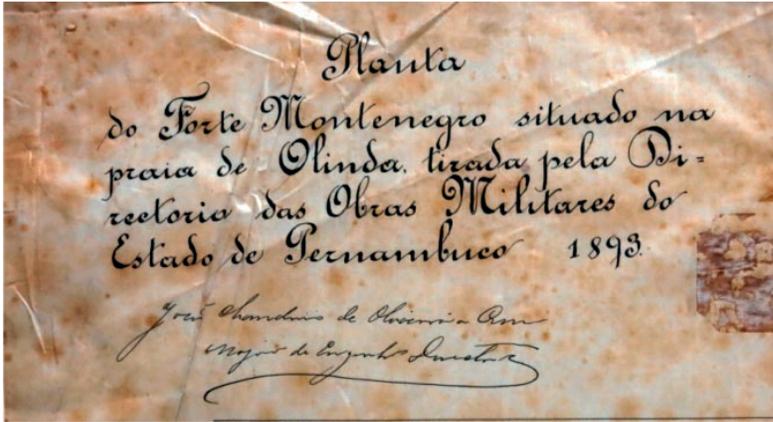
Figura 4: Detalhe de planta veiculada por Antônio Bezerra Baltar. *Diretrizes de um Plano Regional para o Recife*. Recife, 1951



Fonte: Arquivos da Prefeitura do Recife, nº 2 de 1942.

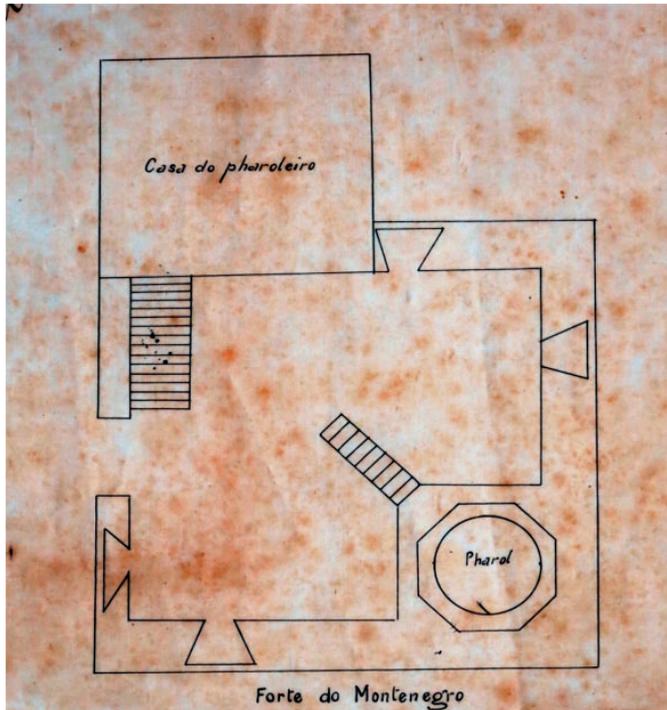
Na sequência, estabelecemos graficamente a associação espacial do Forte do Montenegro (1816) com o “pharol” lançando mão de outro documento, qual seja, a planta do forte na qual este equipamento náutico convive arquitetonicamente com o edifício militar. A iconografia em referência, cujo cabeçalho segue abaixo, está datada de 1893 e nela consta a assinatura do Major Engenheiro João Hondino (?) de Oliveira, profissional então vinculado ao “*Directório das Obras Militares de Pernambuco*”.

Figura 5: Cabeçalho da Planta baixa do Forte do Montenegro associado ao farol de Olinda (1893)



Fonte: Arquivo Histórico do Exército – AHEx/RJ, 2021

Figura 6: Detalhe da Planta baixa do Forte do Montenegro associado ao farol de Olinda (1893)



Fonte: Arquivo Histórico do Exército – AHEx/RJ, 2021.

Com base na trajetória do Forte reconstituída na documentação disponível observamos algumas peculiaridades do edifício do traço de Pereira do Lago (1808):

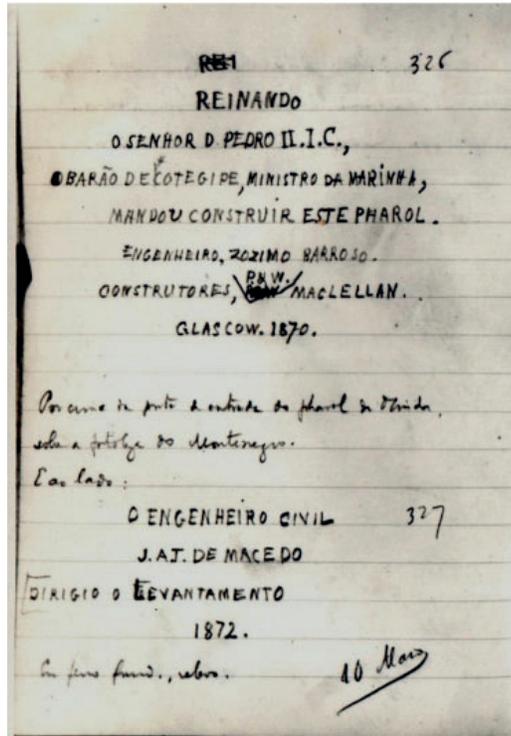
1. Parapeitos à *barbeta* (ou à barba) isto é, corridos, sem canhoneiras; e
2. Pequeno aposento destinado ao abrigo da guarnição militar.

Em relação à planta de 1893, percebemos outros pormenores indicativos de adaptações ocorridas ao longo do século XIX, inclusive as provocadas pela mudança de uso e função ocorridas 20 anos antes (1872), como indicamos a seguir:

1. Inserção de canhoneiras nos parapeitos do forte;
2. Inserção de aposento agora destinado ao faroleiro e aos serviços de operação do farol;
3. Escadas internas de acesso ao equipamento de sinalização instalado.

Este marco do balizamento náutico do fundeadouro olindense foi fabricado em Glasgow na Escócia, pela empresa *P. & W. Maclellan* em 1870. A montagem no local escolhido coube ao engenheiro civil J. A. T. de Macedo que dirigiu a instalação em 1872. Segundo observação visual direta das anotações manuscritas contidas nos cadernos do historiador e epigrafista baiano Alfredo do Valle Cabral (1851 – 1894), ao visitar Pernambuco em 1887 (disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro), tais informações constavam em placa alusiva ao acontecimento ocorrido na gestão do Barão de Cotegipe (1815 - 1889) quando Ministro da Marinha (entre 1868 e 1870). Arremata Cabral que “o farol de Olinda [está] sobre a fortaleza do Montenegro”.

Figura 7: Reprodução fotográfica da anotação de Alfredo do Valle Cabral onde constam os registros “epigráficos” existentes no antigo farol de Olinda, instalado no Forte Montenegro



Fonte: Anotações manuscritas de Alfredo do Valle Cabral (1887) disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Figura 8: Remanescentes do Forte do Montenegro com o farol. s/d.



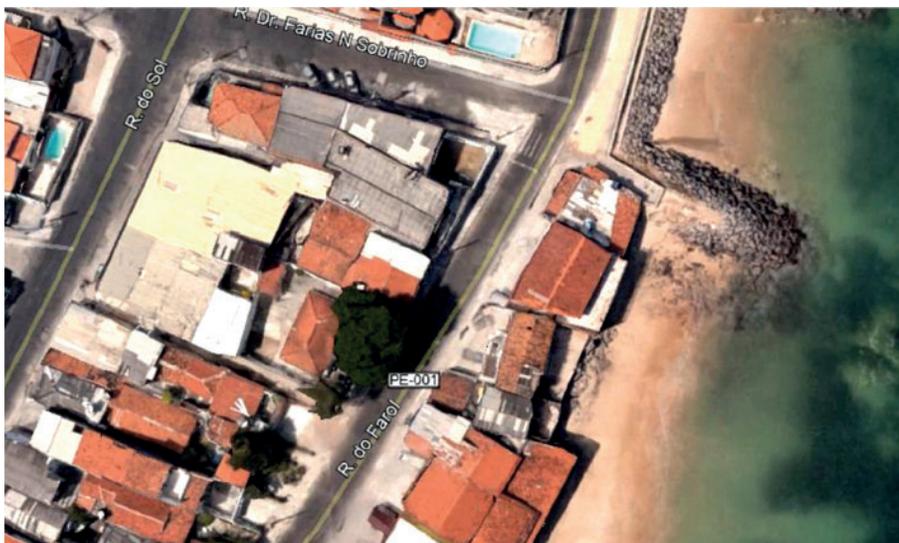
Fonte: Acervo Digital Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)

3. Reflexões sobre o caso

Na trajetória rumo ao perecimento, esse conjunto “fortificação / farol” não pode ser tratado como exceção. Casos similares desta associação ocorreram inclusive em Pernambuco, caso do Forte de Santo Ignácio de Loyola onde um dos baluartes voltados para o fundeadouro na baía de Tamandaré recebeu farol, o qual está em atividade ainda nos dias que correm.

O avanço do mar em Olinda provocou o arruinamento do Forte do Montenegro, acontecimento este que levou à desvinculação e remoção do farol na década de 1940, sendo reinstalado no Morro do Serapião, no bairro do Amaro Branco, na mesma cidade com ampla vista para o mar.

Figura 9: Remanescente da antiga casa do faroleiro, propriedade federal desabitada e em arruinamento, indicada pela seta branca



Fonte: Imagem Google Earth, salva em 11.mar.2021.

4. Apropriação social e proposições

Em que pese a perda material, o tema do forte associado ao farol persiste com muita vitalidade na toponímia olindense. É o caso da “Rua do Farol” ainda corrente em nossos dias, nome do logradouro que corre paralelo à praia, no trecho onde esteve o antigo equipamento náutico.

Na memória popular, forte e farol se manifestam de múltiplas formas, como é o caso da pintura parietal visualmente percebida da calçada, no espaço interno de imóvel danificado, existente nos dias que correm, na mesma Rua do Farol. Noutra ocorrência está o mural - voltado para a Rua Marechal Deodoro da Fonseca, transversal de

acesso ao litoral, próxima ao local estudado – que grava o equipamento de sinalização como marco urbano.

Figura 10: Pintura mural policromada em ambiente interno de casa da Rua do Farol, recentemente desmoronada, com o farol instalado sobre o Forte do Montenegro



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 11: Detalhe de pintura mural policromada em fachada voltada para a antiga Travessa do Farol, hoje Rua Mal. Deodoro da Fonseca



Fonte: Acervo dos autores. 16.02.2021

Como se não bastasse, o claro e seguro conhecimento apurado em conversas com pessoas estabelecidas nas proximidades, desde longa data, reforçou a convicção de que estamos ancorados no trecho urbano do antigo fundeadouro onde existiu o conjunto forte/farol.

Finalmente, as evidências percebidas consolidaram em nós a convicção de que a cultura e a memória populares são mais sólidas que o patrimônio material edificado, o que estimula o desejo por ampliação futura do conhecimento e divulgação deste marco urbano que, no século XXI, oscila entre o pertencimento no imaginário local e o abandono completo. O tempo fará com que essa “equação” seja invertida?

Vários são os aspectos a serem estudados em eventual aprofundamento da pesquisa que, por hora, permitiu a construção deste artigo. Entre eles, a motivação militar para instalação do forte naquele lugar e não em outro, bem como a verificação de eventuais remanescentes do edifício militar que talvez permaneçam subjacentes às águas do mar e o exame, sob o aspecto da arqueologia da arquitetura, da casa de apoio ao farol bastante alterada ao longo dos anos.

Referências

- AHU – *Catálogo de documentos manuscritos avulsos referentes à Capitania de Pernambuco existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa*. <https://actd.iict.pt/eserv/actd:CUc015/CU-Pernambuco.pdf>. Acesso em: 10.mar.2022
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. *Fortes de Pernambuco: imagens do passado e do presente*. Recife: Graftorre, 1999. (p. 52)
- BALTAR, Antônio Bezerra. Diretrizes de um plano regional para o Recife. Recife: *Folha da manhã*, p. 46, 1951.
- CABRAL, Alfredo do Valle. *Biblioteca Nacional, Secções de Manuscritos*. II – 31, 26, 3. Rio de Janeiro, fevereiro de 1950. 4 cadernos.
- Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caetano_Pinto_de_Miranda_Montenegro Acesso em: 10.mar.2022
- CAVALCANTI, Vanildo B. *Olinda do Salvador do Mundo*. Recife: ASA Editora, 1986.
- COSTA, F. A. Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Recife: Fundarpe, 1984. 10 v, v. 9, p. 409)
- NOVAES, Ferdinando. *Olinda, Evolução Urbana*. Fundarpe, Recife. CEPE, 1990. Pag. 40
- VITERBO, Francisco Marques de Sousa. (Coord.) *Dicionário Histórico e Monumental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses*. Lisboa: Edição facsimilar, 1904, 3 v., v. II, p. 254.

